

O MARAVILHOSO E A LITERATURA INFANTIL

Giselle Bueno¹

RESUMO

O artigo apresenta um estudo sobre o gênero do maravilhoso, destacando a sua conexão com a literatura infantil. Esta, como se sabe, herdou e transformou vários dos gêneros ou narrativas transmitidos por nossos antepassados desde tempos imemoriais. Dentro dessa herança riquíssima, encontram-se, justamente, as chamadas narrativas ou contos maravilhosos, que, basicamente, correspondem a relatos de acontecimentos ou aventuras que se passam sob a égide de uma concepção mágica do mundo, em que avulta a fantasia e o sonho.

Palavras-chave: literatura infantil; maravilhoso; conto de fadas.

ABSTRACT

The article presents a study on the genre of the marvelous, highlighting its connection with children's literature. As is well known, children's literature has inherited and transformed various genres or narratives passed down by our ancestors since time immemorial. Within this rich heritage are the so-called marvelous narratives or tales, which essentially correspond to accounts of events or adventures that occur under the aegis of a magical conception of the world, wherein fantasy and dreams are prominent.

Keywords: children's literature; marvelous narratives; fairy tales.

A origem da literatura infantil assenta-se na idade oral do mito ou, dito de outra maneira, nas narrativas primordiais, que recuam a tempos não precisamente datáveis, mas que podem ser associadas também a eventos históricos mais recentes, como o da cultura indo-europeia. Tais fontes remotíssimas materializam-se, o mais das vezes, em criações heterogêneas e anônimas, não raro eivadas de ingredientes mágicos ou maravilhosos – o que não significa a ausência do realismo, do utilitarismo ou do cotidiano. Provenientes da face oriental do globo, foram chegando às regiões ocidentais, durante a Idade Média principalmente. Dentre esses textos de tradição oral que, em virtude da memória dos povos, desempenharam papel crucial na formação da literatura infantil do Ocidente, estão, entre tantos outros, *Kalila e*

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Unicamp. Também professora do Centro Universitário Paulistano/Unipaulistana. Email: giselle.bueno@unipaulistana.edu.br.

Dimna e as *As mil e uma noites*, que serão objeto de análise mais detida logo adiante.² Antes, contudo, vale aprofundar a compreensão de que tanto *Kalila e Dimna* quanto *As mil e uma noites* são produções estéticas de extração oral, normalmente classificadas pela crítica como pertencentes ao gênero do maravilhoso.

As narrativas maravilhosas, frequentemente assimiladas àquilo que se designa de “contos de fadas”, podem ser entendidas, grosso modo, como relatos de acontecimentos ou aventuras que se desfiam sob um universo mágico ou, exatamente, maravilhoso, paralelo ou exterior à realidade comum ou cotidiana. No contexto dessas histórias, os fenômenos não obrigatoriamente se subjugam às leis da natureza, mas antes desafiam a razão e os limites e precariedade da vida humana. Assim, o leitor ou ouvinte assiste à circulação encantada de deuses, espíritos benfazejos ou malfazejos, gênios, gigantes, duendes, figuras com dotes sobre-humanos, como a capacidade de voar, feiticeiros, milagres, profecias exitosas, objetos mágicos, sejam eles representados por espelhos, varas de condão, mantos, nozes, chicotes, botas, cruzes, etc. O que está em cena é um espaço-tempo em que a intervenção mágica não raro se identifica com o agir divino ou o milagre, numa mistura de paganismo e cristianismo.

Para fins de síntese, Nelly Novaes Coelho (1991a, p. 159-162) arrola as constantes ideológicas e estruturais dos contos maravilhosos. Quanto às primeiras: a superioridade da astúcia sobre a força física ou violência, a crítica à ambição desmedida, a autoridade dos mais velhos e da tradição, o valor de honra à palavra dada, a oscilação entre maniqueísmo e ética relativista, etc.³ Quanto às segundas: o poder do destino como fado; o uso de talismãs; a prova do herói ou heroína, que são interpelados por um mistério ou interdito; a repetição dos números, especialmente o três e o sete, a metamorfose, etc. Muitas dessas constantes aparecerão em nossos comentários abaixo, particularmente, aquelas vinculadas ao destino e à metamorfose. Os humanos

² Seria possível citar ainda as *Fábulas de Esopo* (provavelmente, século VI a.C.), *Barlaam e Josafat* (em sua versão cristã, provavelmente, século VIII d. C.), *Sendebâr* (provavelmente, século VIII ou IX d.C.), *Hitopadesa* (provavelmente, século IX ou X d.C.), *Disciplina clericalis* (século XII), etc.

³ O maniqueísmo predomina com referência ao resultado das ações, pois a norma é que vença o Bem. Entretanto, não é difícil que algo aparentemente bom se revele como mau ou, inversamente, que algo supostamente mau se mostre como bom.

podem sofrer um “encantamento” e ser transformados em animais ou objetos, ou vice-versa. A atenuação ou o aniquilamento da distinção ou do divórcio entre o eu e o outro, entre o homem e a natureza e as coisas, constitui um dos desígnios, por excelência, dos empreendimentos mágicos.

Como algo desse material se manifestaria em *Kalila e Dimna* e *As mil e uma noites*, que, tal como exposto anteriormente, estão entre as fontes primordiais de que bebeu a literatura infantil do ocidente?

O texto original de *Kalila e Dimna* perdeu-se, mas pode ter sido composto em sânscrito por volta do século V a. c. na Índia (Coelho, 1991b, p. 14). Trata-se de uma coletânea de fábulas, isto é, relatos ilustrativos de princípios morais, que incluem entre seus personagens animais falantes. Antes de tudo, como se vê, o mágico ou fantasioso apontam no fato de que os animais falam e agem como humanos. Mas é notável também a ocorrência, em vários contos, da metamorfose, da conversão mágica de um ser em outro.

Enfim, em *Kalila e Dimna*, o rei da Índia, Dabshalim, solicita ao príncipe dos filósofos, Baídaba, que lhe conte histórias exemplares, ilustrações de fatos morais da condição humana. Grande parte das fábulas é perpassada, portanto, pelas temáticas da boa conduta e do poder, sendo que a moral, o mais das vezes, tem um cunho pragmático. Ainda uma parcela razoável das narrativas apresenta, como protagonistas, dois chacais, Kalila e Dimna, o que explica o título da obra. Enquanto Dimna arma intrigas e termina aprisionado, Kalila é símbolo do homem prudente. Um anseia ambiciosamente por poder; outro contenta-se com o que vive e tem.

Confira-se abaixo, no trecho da fábula “Os corujões e os corvos”, como o real e o imaginário surgem mesclados. Na verdade, o motivo mágico desponta exclusivamente pelo fato de que os personagens são animais:

Contam que um grupo de aves sem rei entrou em acordo para que um corujão se tornasse seu rei. Em meio a isso, tais aves avistaram um corvo, e uma delas disse: “esperemos até que chegue aquele corvo, a fim de consultá-lo sobre a questão”. O corvo chegou, e elas o consultaram a respeito do acordo para ungir como rei um corujão. Disse o corvo: “mesmo que todas as aves desaparecessem e se extinguissem os pavões, os patos, as pombas e os grou, vós não vos deveríeis obrigar a ungir como rei um corujão, a mais horrorosa das aves, a mais infame, a menos inteligente, a mais colérica e a mais impiedosa, além de seus crônicos padecimentos e sua cegueira diurna, tudo isso sem contar suas péssimas disposições. Nenhuma ave suporta aproximar-se de um corujão, mercê de sua grosseria e mau-caráter. A não ser que pretendais escolhê-lo como rei sem, contudo, depender de suas disposições em questão alguma, uma vez

que até mesmo o rei ignorante, caso seja acessível e sejam bons os seus cortesãos e vizires, resolverá os problemas e manterá firme seu reinado, tal como fez a lebre que, alegando embora ser a lua o seu rei, agia conforme seu talante. Perguntou uma das aves: “e como foi isso?”. [...]

Depois o corvo disse: “e os corujões agregam, a todos os defeitos que enumerei, o embuste e a tapeação; não seja o vosso parecer, de maneira nenhuma, escolher um corujão como rei” E as aves, estribando-se no discurso do corvo, não ungiram o corujão rei.” (Kalila, 2005, p. 144).

O breve relato propõe-se a instruir o leitor ou ouvinte sobre o poder, em primeiro lugar, patenteando alguns dos vícios de um mau soberano: a ignorância/estupidez, a cólera, a impiedade/inclemência, a incivilidade, o mau ânimo, a trapaça, a falta de caráter. Em segundo lugar, defendendo a ideia de que um rei ignorante, desde que tenha abertura de conduta e esteja rodeado de auxiliares dignos, é capaz ainda de salvaguardar seu reino.

Sim, um componente cardeal da concepção de poder de *Kalila e Dimna* é o aconselhamento. Se as aves porventura foram tolas em cogitar, para rei, um ser que é, aparentemente, de reconhecida má fama – “infame” –, souberam, se bem que um tanto de improviso, acolher o exercício do aconselhamento, constitutivo do bom governo.⁴

O sinistro é que, tendo-se inteirado do aconselhamento, o corujão orgulhosa e furiosamente se agasta, prometendo rancor perpétuo ao corvo, em uma reação que em muito confirma o retrato negativo que deu azo a toda a desavença. O conselheiro de improviso, por seu lado, não é tão óbvio se com razão inquestionável, arrepende-se de suas palavras, visto que se tornam a causa da longa inimizade entre o seu povo e os corujões. Mais do que isso, o corvo desenvolve uma rica reflexão sobre a sua desmedida, o seu atrevimento de juízo e expressão, e, por tabela, sobre alguns dos princípios do aconselhamento virtuoso. Quer dizer, o aconselhamento não é, sempre e em qualquer caso, prática de sabedoria. Se o leitor ou ouvinte esperava uma oposição maniqueísta, corvo (sábio) x corujão (iracundo), surpreende-se pela relativização. Vejam-se as ponderações do corvo:

Fui inábil fazendo esse discurso que acarretou hostilidade contra mim e meu povo; aliás, não seria eu a ave que mais lícitamente poderia

⁴ É bastante ambígua, no entanto, a atitude geral das aves, que talvez estejam excessivamente voltadas para fora: não só aspiram a um rei exterior à sua coletividade, como se aconselham, meio que impulsivamente, com o primeiro que passa, o corvo. Este, como estranho que é, tampouco parece ser destro nos negócios e realidade do grupo das aves, como o demonstra a sequência da fábula.

assim pronunciar-se, nem a mais preocupada com os misteres dos reinos das aves. Talvez muitas outras aves tivessem a mesma opinião e soubessem o que eu sabia, tendo sido impedidas de falar por receios dos quais eu deveria ter-me prevenido e por considerações que eu deveria ter feito, especialmente porque minhas palavras constituíram um confronto. Com efeito, quando o falante dirige ao ouvinte palavras que o desgostarão, produzindo rancor e ódio, elas não deveriam ser chamadas de palavras, mas sim de veneno. Ademais, o inteligente, conquanto esteja seguro de sua força, fala, superioridade e grande coragem, tal não deveria levá-lo, confiado nisso, a granjear hostilidade contra si, assim como o homem que dispõe de teriagas e antídotos não deve, confiado nisso, ingerir veneno. A superioridade pertence a quem faz boas obras, e não a quem faz bons discursos, pois quem executa boas obras, ainda que lhe falte o estro do discurso, terá a superioridade evidenciada na destreza e nos resultados; já quem fala, ainda que bem o faça e provoque admiração mercê dos bons atributos de seu estro, não será louvado caso a fala, ao cabo, não se concretize em obras. E sou eu quem produziu a fala que não trará boas consequências. Acaso não foi fruto de minha estultice o atrevimento de falar sobre um assunto tão grave sem consultar a ninguém nem refletir longamente a respeito! Bem sei que quem não submete suas opiniões a repetidos exames nem consulta conselheiros inteligentes não se alegrará com os efeitos de suas opiniões nem será louvado no final das contas. E eu poderia muito bem prescindir disto que ganhei hoje, assim como das preocupações nas quais caí. (Kalila, 2005, p. 149).

Em outro texto de *Kalila e Dimna*, o maravilhoso assoma de modo mais acentuado, conquanto os ingredientes prosaicos e realistas não deixam de ter o seu lugar. Todo o universo é animado por seres falantes, e ao menos dois motivos mágicos ressaltam: o da metamorfose e o do destino como fado, isto é, como instância incontornável.

Contam que um asceta, cujas súplicas eram todas atendidas, estava certo dia sentado à beira de um rio quando passou por ele um gavião carregando nas garras uma ratinha que lhe escapou e caiu nas proximidades do asceta, o qual, tomado de piedade por ela, recolheu-a, enrolou-a em seu punho e dispôs-se a levá-la para casa. Porém, temendo que sua mulher ficasse incomodada de ter de criar uma rata, suplicou ao Senhor que a transformasse em menina, e ela foi transformada numa menina de grande beleza e encanto. O asceta levou-a para casa e disse à mulher: “esta é minha filha; trata-a, pois, como se fora tua filha”. E criou-a da melhor maneira, sem, no entanto, lhe informar sua história nem o que ela tinha sido. Quando completou doze anos, disse-lhe: “minha filhinha, já estás crescida e necessitas de um marido que te cuide e sustente, aliviando-nos das preocupações contigo. Escolhe aquele que preferires dentre todos os homens, e eu te casarei com ele”. Respondeu a jovem: “quero um marido forte, enérgico e poderoso”. Disse o asceta: “não conheço ninguém assim senão o sol”, e se dirigiu ao sol dizendo: “tenho comigo uma bela jovem, que é para mim como filha, e peço que te cases com ela”. Respondeu o sol: “eu te indicarei quem é mais forte do que eu, e mais poderoso”. Perguntou o asceta: “e quem é ele?” Respondeu: “a nuvem, que me esconde e bloqueia minha luz”. Então o asceta foi até a nuvem e lhe pediu que se casasse com a jovem. Respondeu a nuvem: “eu te indicarei quem é mais forte do que eu, e

mais poderoso: o vento, que me faz ir e vir". E lá se foi o asceta até o vento, ao qual pediu que se casasse com a jovem. Respondeu o vento: "eu te indicarei quem é mais forte do que eu: a montanha, que não consigo movimentar". E o asceta foi até a montanha e lhe disse o mesmo que havia dito ao vento. Respondeu a montanha: "eu te indicarei quem é mais forte do que eu: o rato, que me perfura, e contra o qual não tenho artimanha nem defesa". Então o asceta perguntou ao rato: "porventura te casarias com esta jovem?" Respondeu o rato: "como poderia casar-me com ela, sendo minha toca tão estreita?" E o asceta perguntou à jovem: "gostarias que eu suplicasse a meu Senhor que te transforme em rata e te case com este rato?" Como ela aceitasse, o asceta suplicou a seu Senhor que a transformasse em rata, e em rata ela foi transformada, casando-se então com o rato". (Kalila, 2005, p. 157).

É impossível não registrar a face humorística da manobra urdida pelo asceta para driblar o desagrado da mulher com a presença da rata: ele prefere transmitir-lhe a notícia (falsa) de que tem e traz uma filha, que, aliás, deverá ser recebida como tal pelo coração da esposa (!). Mas esse instante anedótico não é certamente a mensagem central do texto. Este parece montar-se, a bem dizer, sobre o motivo da metamorfose e sobre a ideia do retorno-destino a uma identidade primeira e autêntica. Há mais de uma hermenêutica possível, sem dúvida. Trata-se talvez da visão mítica da origem como o (não) espaço-tempo do sentido verdadeiro, que foi perdido e deve ser recobrado ou revivido. Ou ainda da compreensão do mundo natural (e social) como uma ordem que não deve ser rompida, mas conservada: ratos são ratos e homens são homens. Ou ainda da representação da metempsicose como trilha evolutiva, própria ao hinduísmo e budismo.⁵ Todavia, além do império do destino, a temática do poder se faz igualmente marcante: "o mais forte, enérgico e poderoso" é aquele ser supostamente desprezível: o rato. Eis a síntese do belo diálogo entre o asceta e as substâncias da natureza: mais poderosa que o sol, é a nuvem, que lhe oculta a luz; mais poderoso que a nuvem, é o vento, que a impulsiona; mais poderosa que o vento, é a montanha, que o bloqueia; mais poderoso que a montanha, é o rato, que a corrói. Há uma cadeia incessante de quebra de expectativa em que o aparentemente menor ou mais fraco se revela superior. Algo que recorda a sabedoria popular de um provérbio sobre força e persistência: "água mole em pedra dura tanto bate até que fura".

⁵*Kalila e Dimna*, de procedência indiana, reúne textos do *Mahabharata* (VIII a. C.) e do *Pantschatantra* (V a.C.).

Ao contrário de *Kalila e Dimna*, cuja memória não é cultivada pelo grande público ou pela cultura de massa atual, a obra *As mil e uma noites*, outra compilação de contos orientais, goza de maior celebridade, especialmente devido a histórias como “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, “Ali Babá e os quarenta ladrões” e “Simbad, o marujo”. Eis o enredo: Xariar, o sultão, descobre que sua esposa o trai com um escravo e manda executá-los. Intensamente magoado e desconfiado da fidelidade das mulheres, e com o fito de evitar uma nova traição, decide casar-se com uma virgem a cada dia e ordenar sua morte na manhã seguinte. O ciclo violento é perpetrado até que Sherazade, filha do grão-vizir, resolve entrar em cena. Em uma tentativa de eliminar a prática terrível, ela engendra uma estratégia de alto risco, uma vez que inclui seu próprio casamento com o rei. Na noite de núpcias, Sherazade conta uma história a Xariar e o seduz de tal maneira que, ao amanhecer, curioso para saber o desfecho do relato, prorroga a execução por um dia. E assim, noite após noite, Sherazade põe-se a encadear histórias, sempre interrompendo-as em momento-chave, de modo a deixar o rei tão ávido por mais um desfecho que se dispõe a adiar a morte da esposa. O êxito do plano prolonga-se por mil e uma noites, durante as quais ela desfia, ao rei e, a bem dizer, também ao ouvinte ou leitor, uma profusão de histórias, de viés moral, amoroso, aventureiro ou mágico. Com o decorrer do tempo, o rei Xariar transfigura-se: percebe a sabedoria e o valor da mulher por intermédio de sua esposa e das narrativas. Finalmente renuncia à sua rotina brutal e reconhece o erro de seus caminhos.

O personagem mágico mais célebre d’*As mil e uma noites* é o gênio. Entre inúmeros outros, esse ente sobrenatural, algo benfazejo e malfazejo, fulgura em um conto que atravessa a oitava, a nona, a décima e a décima primeira noite, intitulado, justamente, “O pescador e o gênio”. O pescador, por um acaso, apanha com sua rede um vaso de cobre amarelo, dentro do qual habita um gênio ou *ifrit*. Logo que libera o gênio de sua prisão, uma conversa se inicia:

[...] o *ifrit* lhe disse: “Receba a boa nova”. O pescador disse: “Ó dia de felicidade!”. O *ifrit* prosseguiu: “Receba a boa nova de sua rápida morte”. O pescador disse: “Com essa boa nova, você bem merece é que nunca mais lhe prestem ajuda nenhuma. Por que você vai me matar? Não fui eu que o salvei e resgatei do fundo do mar, trazendo-o para a terra?”. O *ifrit* respondeu: “Faça um pedido”.

[...] muito contente, o pescador perguntou: “E o que eu deveria pedir-lhe?”. Respondeu o *ifrit*: “Você pode escolher como morrer, de que maneira eu deveria matá-lo”. O pescador perguntou: “E qual o meu delito? É essa a recompensa que você me dá, a recompensa por tê-lo salvo?”. O *ifrit* disse: “Ouça a minha história, pescador”. O pescador disse: “Conte, mas seja breve, pois minha alma já chegou a Jerusalém”. O *ifrit* começou a contar:

Saiba que eu pertencço à raça dos gênios renegados e revoltosos. Eu e o gigante Sahr nos rebelamos contra o profeta de Deus, Salomão, filho de Davi, que enviou contra mim Asif Bin Barhiyya, o qual, por sua vez, me capturou à força e me conduziu, humilhado e contra minha vontade, até o profeta de Deus Salomão. Quando me viu, ele se benzeu de mim e de minha figura e me ofereceu prestar-lhe obediência, mas eu me recusei. Então, ele mandou trazer este vaso de cobre e me prendeu dentro dele, lacrando-o com chumbo e selando-o com o mais poderoso nome de Deus; depois ordenou que alguns gênios me carregassem e me lançassem no meio do mar. Ali permaneci duzentos anos, durante os quais pensei: “Quem quer que me resgate durante estes duzentos anos, eu o deixarei rico”, mas ninguém me resgatou. Então se passaram mais duzentos anos, durante os quais eu pensei: “Quem quer que me resgate, eu lhe abrirei as portas de todos os tesouros do mundo”. Mas passaram-se quatrocentos anos e ninguém me resgatou. Iniciou-se novo período de cem anos, durante os quais eu pensei: “Quem quer que me resgate nestes cem anos, eu o farei sultão e me tornarei seu servo, satisfazendo-lhe três desejos por dia”. No entanto, estes cem anos também se passaram, e já eram muitos anos sem que ninguém me resgatasse. Encolizei-me então, e vociferei, ronquei, bufei e pensei: “De agora em diante, quem quer que me resgate, irei matá-lo da maneira mais atroz ou irei deixá-lo escolher a maneira pela qual morrerá”. Assim, não se passou muito tempo e você hoje me resgatou. Por isso, pode escolher a maneira pela qual morrerá.

Quando ouviu as palavras do *ifrit*, o pescador disse: “A Deus pertencemos e a ele retornaremos. Não fui achar de resgatar você senão agora? Mas é assim mesmo, minha maldita sorte está muito aquém disso. Eu lhe peço, porém, que me poupe e assim Deus o poupará; não me mate, pois então Deus lhe enviará alguém que o mate”. O gênio respondeu: “É absolutamente imperioso que eu o mate; pode escolher a maneira”. Certo de que iria morrer, o pescador ficou muito triste, chorou e disse: “Que Deus não me prive de vocês, minhas filhas”. Depois, suplicando ao *ifrit* disse: “Pelo amor de Deus, liberte-me em consideração ao fato de que eu o resgatei e libertei desse vaso”. O gênio respondeu: “Mas a sua morte não é senão a recompensa por você ter me resgatado e salvo”. O pescador disse: “Eu lhe fiz um bem e você me paga com um mal. Pois é, não mente o provérbio contido nestes versos: “Fizemos o bem e nos pagaram com seu contrário, e esta, por vida minha, é a ação dos iníquos; quem faz favores a quem não os merece, recebe o mesmo que recebeu quem socorreu a hiena”.

O gênio disse: “Não prolongue as coisas. Conforme eu já disse, é absolutamente imperioso matar você”. O pescador então pensou: “Esse aí é um gênio e eu sou um ser humano. Deus me deu inteligência e me preferiu a ele. Com a minha inteligência, eu planejarei algo contra ele, do mesmo modo que ele planejou contra mim com a sua demonice”. E então ele perguntou ao gênio: “Então é mesmo imperioso matar-me?”. O *ifrit* respondeu: “Sim”. O pescador disse: “Então, pelas prerrogativas do maior nome de Deus, que estava inscrito no anel de Salomão, filho de Davi, se eu lhe perguntar algo você me contará a verdade?”. Tremendo e confuso, o *ifrit* disse: “Pergunte e seja breve”.

E a aurora alcançou Sherazade, que parou de falar. Sua irmã, Dinazarde, lhe disse: “Como é bela sua história, maninha e espantosa”. Ela respondeu: “Isso não é nada perto do que vou lhes contar na próxima noite, que é mais espantoso, e isso se eu viver e o rei me preservar”.

11ª noite da maravilha e do prodígio das narrativas das mil e uma noites

Na noite seguinte, Dinazarde disse à sua irmã Sherazade: “Maninha, se você não estiver dormindo, continue para nós a história do pescador e do gênio”. Ela respondeu: “Com muito gosto e honra”.

Eu tive notícia, ó rei, de que o pescador perguntou: “Pelas prerrogativas do nome maior de Deus, você de fato estava neste vaso?”. O *ifrit* respondeu: “Pelas prerrogativas do nome maior, sim, eu estava aprisionado neste vaso”. O pescador lhe disse: “Você está mentindo, pois neste vaso não cabe sequer as suas mãos ou seus pés; como poderia caber você inteiro?”. O *ifrit* replicou: “Juro que eu estava lá dentro. Por acaso você não acredita nisso?”. O pescador respondeu: “Não”. Ato contínuo, o gênio se sacudiu, virou fumaça, subiu, estendeu-se sobre o mar, despencou na terra, ajuntou-se aos poucos no vaso, até que a fumaça toda ficou lá dentro. O *ifrit* então gritou: “Eis-me aqui dentro do vaso, pescador. Acredite em mim.” Mas o pescador rapidamente recolheu o lacre de chumbo com o selo, e com ele tapou a boca do vaso, gritando a seguir: “Ó *ifrit*, pode me pedir agora a maneira pela qual você deseja morrer; vou jogá-lo nesse mar e aqui construir uma casa; qualquer pescador que vier pescar, eu vou impedir e alertar dizendo: ‘Aqui vive um *ifrit* que vai matar qualquer um que o resgatar, dando-lhe apenas o direito de escolher a maneira pela qual vai morrer’”. Ao ouvir as palavras do pescador e ver-se novamente aprisionado, o *ifrit* quis sair mas não conseguiu, pois o selo do anel de Salomão, filho de Davi, o impediu. Compreendendo que o pescador o enganara, ele disse: “Não faça isso, pescador. Eu estava era brincando com você”. O pescador respondeu: “Você está mentindo, ó mais nojento e desprezível dos *ifrits*”, e pôs-se a rolar o vaso em direção ao mar. O *ifrit* gritou: “Não, não!”, e o pescador respondeu: “Sim, sim!”. Então o *ifrit* se fez humilde e submisso em suas palavras e disse: “O que você pretende fazer, pescador?”. Respondeu: “Lançá-lo ao mar. Se você já tinha ficado mil oitocentos e poucos anos, vou agora deixá-lo ficar até a hora do Juízo Final. Eu não lhe pedira “preserve-me que Deus o preservará; não me mate que Deus o matará?” Mas você se recusou: queria mesmo era me atrair e matar; então, eu também atraiçoei você”. O *ifrit* pediu: “Abra a tampa, pescador, que eu o tratarei bem e enriquecerei”. O pescador replicou: “Você está mentindo! Está mentindo! O nosso paradigma é o mesmo do rei Yunan e do sábio Duban.” O *ifrit* perguntou: “E qual é o paradigma deles?”. O pescador respondeu: [...]. (Livro, 2005, p. 10).

A mistura de tragicidade e comicidade do texto é talvez uma de suas marcas mais fortes e, seguramente, um de seus feitos estéticos mais apreciáveis. Destaca-se, claro, dentro desse movimento cômico-trágico, a construção e manutenção do suspense narrativo: o estado permanente de “morre não morre”, isto é, o adiamento da definição da sina do pescador, seja pela própria trama/pelo diálogo entre os personagens, seja pela interrupção arquitetada por Sherazade, acende uma tensão singular, um efeito contraditório de angústia e alívio, de impaciência e esperança, que se resolve apenas no

final, feliz e divertido, pela estupidez do gênio. Quanto mais o tempo passa, quanto mais a conversa, a palavra, protela a morte, mais a figura do gênio vai adquirindo uma feição paradoxal em que se combina a ameaça trágica implacável e a bravata risivelmente inoperante, que leva ao descrédito. Por outro lado, não se considere ingenuamente que a estupidez do gênio é uma leviandade ou artifício forçado da obra. É milenar a imagem da falta de inteligência última dos seres malévolos ou demoníacos, por mais sagazes e penetrantes que sejam. No frígir dos ovos, os que optaram pelo pacto com o mal, só podem estar sob a regência da inépcia ou da falta de perspicácia. De mais a mais, as razões ou os móveis da derrota do gênio guardam certo mistério. Antes de qualquer coisa, o gênio cai pela artimanha do pescador. É a convenção da inferioridade da violência e da tirania sob a esperteza, própria dos contos maravilhosos. Mas o gênio teria sido vítima também de seu próprio orgulho: sente-se compelido a mostrar que é capaz de fazer-se caber naquele espaço tão estreito; ironicamente, sente-se provocado a exhibir que pode encerrar a si mesmo naquela pequena peça de cobre que sempre foi a sua desgraça. Interpreta a fala do pescador como uma provocação, à qual a sua vaidade não resiste; interpreta-a como um desafio de poder – e eis aí o tema novamente.

Seja dito, entretanto, que não é apenas o poder que está em jogo. O pescador propõe: “se eu lhe perguntar algo você me contará a verdade?”. O gênio, misteriosamente, treme e se confunde com a pergunta. “Pelas prerrogativas do maior nome de Deus, que estava inscrito no anel de Salomão, filho de Davi”, acha-se sob encantamento? Seja ou não seja, a ausência de resposta direta provavelmente indica que o *ifrit* concorda em exprimir-se com sinceridade, o que não deixa de ser assombroso, ainda que não pareça propender particularmente para a mentira. E mais adiante, insta: “Acredite em mim.” O gênio, que já dividira a sua história, teria sido vencido pela força de apelo da verdade e pela necessidade que tem – que todos temos – de ser acreditado, ou seja, pela exigência de credibilidade mínima gerada pela/na instauração de diálogo e relação entre os seres. Em suma, o gênio teria sido ludibriado pelo magnetismo da verdade e da confiança; pelo fato de que os encontros costumam demandar, para o seu estabelecimento e continuidade, uma base mínima de verdade e confiança.

Enfim, a literatura infantil procede das produções artísticas de culturas orais. Enraíza-se em narrativas populares e anônimas, cuja criação e divulgação se abisma na aurora dos tempos. Dentre essas fontes, estão as chamadas narrativas maravilhosas, como *Kalila e Dimna* e *As mil e uma noites*.

A título de exemplo, e já para encaminhar a conclusão, vale lembrar contos de fadas como “A bela e a fera”, “O príncipe sapo” e “A pequena sereia”, em que opera tanto a constante estrutural da metamorfose quanto a do destino como fado, abordadas acima. Aliás, como ensina Lúcia Pimentel Góes (1991, p. 111), o próprio termo “fada” deriva do latim *fatum/fata*, “os fados, essas forças superiores” que arrastam a vontade do homem.

Em particular, n’A *pequena sereia* de Hans Christian Andersen (1805-1875), a protagonista deseja desmedidamente ser amada pelo príncipe e transfigurar-se em humana e imortal. O preço chocante a que está disposta a pagar denota a extensão dessa *hybris*.

– Já sei o que queres – disse a feiticeira. – E queres coisa bem tola! Mas, como teu desejo te trará a desgraça, tu o verás realizado, minha bela princesa! Queres é ver-te livre de tua cauda de peixe e, em seu lugar, ter dois tocos para andar, como os seres humanos, para que o jovem príncipe possa enamorar-se de ti e tu possas ganhá-lo, juntamente com uma alma imortal!
[...].

– [...]. Vou preparar-te uma bebida. Antes que o sol se levante, deves andar com ela até a terra, sentar-te à margem, e bebê-la. Aí tua cauda se soltará, e encolherá, virando o que os homens chamam bonitas pernas. Mas vai doer muito. Será como se uma aguda espada te varasse de lado a lado. Todos os que te virem dirão como és a criatura mais linda que já viram. Conservarás teu andar leve e elástico, nenhuma bailarina poderá mover-se com graça igual à tua, mas cada passo que deres será como se pisasses numa faca afiada, que te fizesse correr o sangue. Queres sofrer tudo isso? Se o quiseres te ajudarei.

– Quero! – disse a pequena sereia, com voz trêmula, pensando no príncipe e no desejo de ter uma alma imortal.

– Mas lembra-te de uma coisa – disse a bruxa. – Quando tiveres adquirido forma humana, nunca mais poderás descer ao fundo do mar, ao palácio de teu pai, para junto de tuas irmãs. E se não conquistares o amor do príncipe, a ponto de ele por ti esquecer pai e mãe e só em ti pensar o tempo todo, deixando o padre unir vossas mãos, para que vos torneis marido e mulher, não terás nunca a alma imortal! Na primeira manhã depois de ter ele desposado outra, teu coração se despedaçará, e tornar-te-ás espuma na água.

– Quero! – disse a pequena sereia, pálida como um cadáver.

– Mas terás ainda que me pagar pelo meu serviço – acrescentou a feiticeira. – E não é pouco o que peço. Tens a mais linda voz de todas cá embaixo, no fundo do mar. Imaginas, sem dúvida, que com ela irás fascinar o príncipe! Essa voz é o que vais me dar. Em paga de minha mágica bebida, peço o melhor que possuis, pois nela tenho de dar-te de meu próprio sangue, para que a bebida se torne penetrante como uma espada de dois gumes!

– Mas se me tiras a voz – disse a pequena sereia – que me restará?
 – Restará teu belo corpo – disse a bruxa. Restarão teu andar gracioso e teus olhos encantadores. Com eles, certamente, poderás seduzir um coração humano. Ah! Perdeste a coragem, não é? Pois põe tua linguinha de fora, para que eu a corte, em paga de meu serviço, e te darei a forte beberagem!
 – Que seja! [...].
 – Pronto! – disse a bruxa, e cortou a língua da pequena sereia, que se tornou muda, não podendo mais nem cantar, nem falar. (Andersen, 1988, p. 97-99).

O que está desenhado acima é o interdito imposto à heroína. Interdito este que ela audaciosamente rejeita e arrosta por meio de uma prova iniciática, da qual emerge em virtude de uma mudança ontológica.

A despeito de todo o sacrifício e da devoção a mais sincera e profunda pelo príncipe, a pequena sereia não consegue cativá-lo: o coração dele dirige-se a outra moça, com a qual se une em matrimônio. O malogro pode ser lido, até certo limite ao menos, como uma punição ou consequência inelutável do fato de que ela tenha tentado, de forma desmedida, ultrapassar a sua sina identitária e alterar a ordem natural das coisas: sereias são sereias, homens são homens.⁶ Em outras palavras, é o tema do destino como fado que surge novamente. Mas essa hermenêutica é válida até determinado ponto, pois, mesmo no relato de Andersen, embora lhe escape o príncipe, a pequena sereia não deixa de ser recompensada: ao fim e ao cabo, não se efetiva na íntegra a maldição, e ela não se transforma em espuma marinha. Acolhida por espíritos do ar, “filhas do espaço” (Andersen, 1988, p. 107), a sereia sofre mais uma metamorfose e se converte em uma delas, numa ascensão pela esfera dos elementos: água (= dimensão animal, pois a sereia possui uma cauda), terra (dimensão humana), ar (dimensão celestial). No contexto da literatura infantil, talvez a personagem se apresente como positiva demais para que tenha um resultado de todo negativo, conquanto isso não seja impossível, haja vista histórias como “A menina dos fósforos” do mesmo Andersen (1988, p. 353), em que, na noite do Ano Novo, a criança do título, inocente e pobre, morre na rua, em desamparo e congelada pelo frio, apesar de todos os passantes. Seja como

⁶ Como o leitor deve ter notado, a versão *moderna* da trama forjada para o filme *A pequena sereia* (1989) distancia-se consideravelmente do prisma *tradicional* de Andersen. Na película, a aspiração de Ariel por tornar-se outra, suplantando sua própria natureza ou ascender de condição ou *status*, é antes assumida afirmativamente e coroada com a vitória, construindo-se a moral de que o pensar grande, a ousadia e a iniciativa de fazer diferente merecem da vida uma boa retribuição. Para interpretar a visão de mundo discrepante das histórias, além das oposições modernidade x tradição, ruptura x conservação, parecem ser imprescindíveis os componentes ideológicos do capitalismo.

for, a pequena sereia é corajosa, perseverante, altruísta, compassiva, capaz de sacrifícios sublimes e amor insuspeito. Não nutre qualquer animosidade pela rival e, quando já erguida a elemento aéreo, sustenta admirável afeto por ela. No que tange ao clímax do enredo, inclusive, testemunho cabal de todo seu valor é o de que se recusa a matar o príncipe em troca de evitar a sua conversão em espuma marinha.

Ainda uma vez, com olhar triste, ela fitou o príncipe, e depois atirou-se do navio ao mar, sentindo como seu corpo se desfazia em espuma.

O sol ergueu-se sobre o mar. Seus raios quentes caíram sobre a espuma. A pequena sereia não sentia a morte. Viu o sol claro, e, a voar por cima dela, centenas de formosas e diáfanas criaturas. [...]. A pequena sereia percebeu então que seu corpo era como o delas, a elevar-se cada vez mais da espuma.

– Para onde vou? – perguntou ela.

[...]

– Para junto das filhas do espaço! – responderam as outras. – A sereia não tem alma imortal e nunca a terá, se não conquistar o amor de um ser humano. Sua existência eterna depende de um poder estranho. Também as filhas do espaço não têm alma imortal, mas a podem obter por meio de boas ações. [...]. Se em trezentos anos, fizermos sempre todo o bem que pudermos, obteremos uma alma imortal e partilharemos da eterna aventura humana.

[...]

– Em trezentos anos, entraremos no reino de Deus! – disse [a pequena sereia]. (Andersen, 1988, p. 107).

Antes do desenlace do conto, o que a sereia pretendia era ser amada pelo príncipe e tornar-se humana para abraçar a imortalidade, o que lhe constituiria, em extremo, um *dado*, pois, dentro da perspectiva ou doutrina cristã, na qual o texto explicitamente se encaixa, todo humano possui alma imortal. O príncipe seria a figura terrena que lhe mediará a passagem da mortalidade para a imortalidade. Por meio dele ou das núpcias com ele, viria o dom. “Sua existência eterna depende de um poder estranho.” Agora, após a perda – significativa – do príncipe, a aspiração é outra. Transformada, de elemental da água, de quase-espuma, em espírito do ar, a pequena sereia sai do foro da tutela ou do destino, no sentido de que a imortalidade, em última instância, ao menos, lhe seria *dada* por meio das bodas com um homem, um ser da terra. Em um processo iniciatório, ela entra para a esfera do mérito, da autonomia, da liberdade ou do livre-arbítrio: a imortalidade, sem deixar de ser graça, precisará ser antes conquistada por seu próprio esforço ético. Não seria acaso excessivo enxergar aí o motivo das núpcias místicas com o divino. É ele agora o real esposo: “Em trezentos anos, entraremos no reino de Deus!”.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. A pequena sereia. In:_____. **Contos de Andersen**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A menina dos fósforos. In: _____. **Contos de Andersen**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991a.

_____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991b.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

KALILA e Dimna. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIVRO das mil e uma noites. 3. ed. São Paulo: Globo, 2005.

A PEQUENA sereia. Direção: John Musker; Ron Clements. Produção de Walt Disney Animation Studios. Estados Unidos: The Walt Disney Company, 1989. 1 DVD.